

**A SOCIABILIDADE LITERÁRIA NA FRANÇA DOS  
SÉCULOS XVIII E XIX:  
SALÕES, CENÁCULOS, CÍRCULOS E CAFÉS**

**LITERARY SOCIABILITY IN FRANCE IN THE 18TH AND  
19TH CENTURIES:  
SALONS, CENACLES, CIRCLES AND CAFES**

**Willian Eduardo Righini de Souza<sup>1</sup>**

**Resumo:** Entre os séculos XVIII e XIX, diferentes espaços de sociabilidade surgiram na França: salões, cenáculos, círculos e cafés. Embora todos tenham sido importantes para a formação e consagração de autores, eles possuíam distinções, como na participação de mulheres, no modelo das discussões promovidas e na relação entre o público e o privado. Nesse sentido, o presente artigo apresenta algumas das principais características desses espaços, analisando os tipos de sociabilidade que eles adotavam. Para tanto, realiza uma revisão bibliográfica de obras contemporâneas que se dedicaram a refletir sobre as suas configurações, destacando suas semelhanças e diferenças. Embora tenham entrado em declínio na passagem do século XIX para o XX, seja em razão da popularização da imprensa, seja pela valorização da ideia de autor solitário e independente, esses espaços ainda despertam questionamentos, como no papel da mulher, e ajudam a explicar o desenvolvimento do mercado editorial.

**Palavras-chaves:** salões literários; cenáculos; cafés literários.

**Abstract:** Between the 18th and 19th centuries, different spaces of sociability emerged in France: salons, cenacles, circles and cafes. Although all were important for the formation and consecration of authors, they had distinctions, such as in the participation of women, in the model of the discussions promoted and in the relationship between the public and the private. In this sense, the article presents some of the main characteristics of these spaces, analyzing the types of sociability they adopted. To this end, it performs

---

<sup>1</sup> Bibliotecário e doutor em Ciência da Informação – Universidade de São Paulo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo: <wrighini@yahoo.com.br>.

a bibliographic review of contemporary works that reflect on their configurations, highlighting their similarities and differences. Although they started to decline in the transition from the 19th to the 20th century, either because of the popularization of the press or because of the valorization of the idea of a lonely and independent author, these spaces still arouse questions, as in the role of women, and help explain the development of the publishing market.

**Keywords:** Literary salons; Cenacles; Literary cafes.

## 1. INTRODUÇÃO

Entre os séculos XVIII e XIX na França floresceram diferentes espaços de sociabilidade: salões, cenáculos, círculos, sociedades e cafés. Neles se reuniam a aristocracia e a burguesia ascendente para conversar, estreitar laços, jogar, discutir política, fumar, jantar, ler jornais e recitar poemas. Contudo, embora possuísem características em comum, enquanto lugares onde as classes superiores e intelectuais desenvolviam suas relações sociais, eles se diferenciavam em alguns aspectos, como no papel das mulheres e no incentivo ao mercado literário. Assim sendo, propomos apresentar e analisar esses espaços de sociabilidade a partir de suas hierarquias de gênero e interesse pelo mundo dos livros.

O livro de Maurice Agulhon (1977) sobre os círculos burgueses, publicado na França na década de 1970, tornou-se um parâmetro para os estudos da sociabilidade no século XIX e é citado pela maioria das pesquisas da área, mas não há uma versão dele para os leitores brasileiros.<sup>2</sup> O livro de Antoine Lilti (2005), que rediscutiu interpretações presentes na literatura, arte e academia sobre os salões, também ainda não encontrou eco no Brasil, apesar de ser frequentemente lembrado pelos pesquisadores internacionais do assunto. Por fim, Glinoyer e Laisney (2013) produziram uma extensa pesquisa sobre os cenáculos, a qual, além de ter obtido menor destaque na França quando comparada ao dos cafés e salões, é quase ignorada em nossa região. Esses estudos têm contribuído para compreender as especificidades dos espaços de sociabilidade dos séculos XVIII e XIX, o modo como eles facilitavam as interações na corte e, posteriormente, o surgimento de uma esfera burguesa baseada na conversação.

Nessa perspectiva, considerando a dificuldade de acesso a algumas obras, visamos apresentá-las a partir de um recorte sobre a participação de

---

<sup>2</sup> As obras que são consideradas referência para o estudo do tema na França ainda não estão traduzidas no Brasil.

mulheres em salões, cenáculos, círculos e cafés da época, bem como sobre o aspecto literário deles. Utilizamos os salões como principal exemplo de sociabilidade por terem se consolidado ainda no século XVIII, por servirem de modelo para outros espaços que surgiriam no século seguinte e por serem o exemplo mais conhecido nos dias atuais. A partir de suas características, apontamos as semelhanças e diferenças entre as relações sociais que se proliferaram no século XIX. Por meio dessa abordagem bibliográfica introdutória focada em obras de referência, esperamos contribuir para que outros estudos possam surgir para enriquecer a discussão e incentivar o debate no Brasil sobre esses espaços de sociabilidade.

## 2. SOCIABILIDADE

Até o final do século XVIII, a palavra *sociabilidade* não aparecia nos principais dicionários franceses, como os dicionários de Richelet, Furetière e dos Jesuítas de Trévoux. Neles havia apenas o termo *sociável*, que se referia à característica daquele que aprecia a vida em sociedade e tem a habilidade para esse tipo de atividade. A primeira citação encontra-se na *Encyclopédia, ou dictionnaire rationnal das ciências, artes e profissões*, na qual o termo está em diversos trechos, especialmente naqueles escritos por Jaucourt sobre direito, religião e moral (FRANÇOIS; REICHARDT, 1987). Por exemplo, no artigo em que ele refletia sobre a defesa pessoal, a sociabilidade surge como a busca pela não agressão, enquanto forma de convívio pacífico em sociedade:

Defende-se do agressor ou não se faz mal a ele tomando precauções; ou se o ataca até matá-lo, quando não há outro meio de se livrar do perigo: pois, por mais injusta que seja a iniciativa do agressor, a sociabilidade nos obriga a poupá-lo se for possível, sem prejuízo considerável. Por esse simples temperamento, salvamos, ao mesmo tempo, os direitos do amor próprio e os deveres da sociabilidade.

Mas quando a situação torna-se impossível, é permitido, em certas ocasiões, repelir a força pela força, até mesmo matar um agressor injusto. As leis da sociabilidade são estabelecidas para a conservação e utilidade comum do gênero humano, e não se deve jamais interpretá-las de uma maneira que tenda à destruição de cada pessoa em particular (JAUCOURT, 1754, pp. 735).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> “On se défend ou sans faire du mal à l’agresseur, en prenant des précautions contre lui; ou bien en lui faisant du mal jusqu’à le tuer, lorsqu’il n’y a pas moyen de se tirer autrement du péril: car quelque injuste que soit l’entreprise d’un agresseur, la sociabilité nous oblige à l’épargner, si on le peut, sans en recevoir un préjudice considérable. Par ce juste tempérament on sauve en même tems les droits de l’amour propre & les devoirs de la sociabilité.// Mais quand la chose est impossible, il est permis dans certaines occasions

Em 1798, a palavra *sociabilidade* foi integrada ao dicionário da Academia Francesa como “a aptidão do indivíduo da espécie humana para viver em sociedade” ou “a aptidão do indivíduo para frequentar agradavelmente seus pares” (RIVIÈRE, 2004, p. 209).<sup>4</sup> Este último sentido, com algumas variáveis, foi o que prevaleceu ao longo dos séculos seguintes, muitas vezes sem uma problematização.

Durante o século XX, a sociabilidade passou a ser um dos temas de pesquisa da sociologia, alcançando um maior protagonismo na França com a publicação das obras *La sociabilité méridionale: confréries et associations dans la vie en Provence orientale à la fin du XVIIIe siècle*, em 1966, e *Le cercle dans la France bourgeoise: 1810-1848: étude d'une mutation de sociabilité*, em 1977, ambas de Maurice Agulhon. Além de apontarem para esse termo os dois sentidos principais já expostos, ou seja, a aptidão de viver em sociedade e a de frequentar os seus semelhantes, diferenciando o homem dos animais, o autor indica que ele também foi utilizado por estudiosos dos séculos XVIII e XIX tanto como sinônimo de sociedade e humanidade, sendo todo homem sociável por natureza, quanto, em um sentido mais restrito, como sendo a característica de um grupo de pessoas, de um espaço ou de um tempo. Assim, brotaram as ideias de que a sociabilidade é um atributo dos franceses e que ela progrediu nos salões do século XVIII (AGULHON, 1977). No presente, Rivière (2004, p. 210) afirma que a sociabilidade pode ser definida como “o conjunto de relações que um indivíduo mantém com os demais”,<sup>5</sup> ainda que cada escola sociológica possa privilegiar determinada perspectiva teórica.

Michel Forsé (1981, p. 39), por sua vez, compreende a sociabilidade como “as relações que uma pessoa mantém com as outras”.<sup>6</sup> Por um lado, ele argumenta que essas relações podem ser evidenciadas na adesão a uma associação, na escolha de alguém para cuidar dos filhos, na conversa com o vizinho, entre outros contatos sociais que ele classifica em diferentes níveis. Ao mesmo tempo, defende que o estudo da sociabilidade exige

---

de repousser la force par la force, même jusqu'à tuer un injuste agresseur. Les lois de la sociabilité sont établies pour la conservation & l'utilité commune du genre humain, & on ne doit jamais les interpréter d'une manière qui tende à la destruction de chaque personne en particulier.” Todas as traduções de citações são nossas.

<sup>4</sup> “[...] celui d'aptitude de l'espèce humaine à vivre en société”; “celui d'aptitude de l'individu à fréquenter agréablement ses semblables”.

<sup>5</sup> “[...] l'ensemble des relations qu'un individu entretient avec d'autres”.

<sup>6</sup> “Les relations qu'une personne entretient avec les autres.”

analisar os fatores sociais, econômicos e demográficos que influenciam as relações sociais.

Neste artigo, adotamos a concepção de que a sociabilidade é resultado do convívio entre seres que pretendem estabelecer vínculos e estreitar laços. Desse modo, alguns lugares podem ser mais propícios para o seu desenvolvimento, assim como ela pode ser estimulada pela sociedade. Em nosso entendimento, os cafés, cenáculos, círculos e salões parisienses se apresentavam como espaços ideais de sociabilidade por incentivarem a conversação, o encontro, a leitura de textos para o aplauso ou a crítica e a diversão entre conhecidos.

Para Rivière (2004), na década de 1990, consolidou-se na França a definição de sociabilidade como o conjunto das relações dos indivíduos na sociedade, considerando tanto as particularidades do sujeito e do contexto no qual ele se encontra, quanto as estruturas que ajudam a moldá-lo como ser social. A “partir de relações concretas entre os indivíduos, [...] a análise da rede oferece os meios para pensar a sociabilidade por ela mesma, conferindo-lhe um valor explicativo para um conjunto variado de comportamentos sociais” (RIVIÈRE, 2004, p. 229).<sup>7</sup>

Sem nos estender nas correntes sociológicas sobre o conceito de sociabilidade, visamos abordar, a partir de algumas obras de referência, os espaços de sociabilidade dos séculos XVIII e XIX, tanto em seu funcionamento interno como em relação à época em que eles se expandiram na França.

### 3. O PAPEL DA MULHER NAS SOCIEDADES LITERÁRIAS

O adjetivo *literário* foi atribuído a diversos tipos de reuniões sociais dos séculos XVIII e XIX: salões literários, círculos literários, sociedades literárias etc. Além disso, muitas representações de salões em obras de arte e de ficção reforçaram a imagem deles como lugares propícios para a leitura de livros. Entretanto, já que nos dias atuais o termo *literário* se refere, na maioria das vezes, à literatura, criou-se uma confusão sobre o real sentido da mencionada atribuição. Agulhon (1977), por exemplo, aponta que até mesmo alguns arquivistas classificaram documentos sobre círculos literários em séries relacionadas à instrução pública, devido

---

<sup>7</sup> “[...] à partir des relations concrètes entre les individus [...] l’analyse de réseau se donne les moyens de penser la sociabilité pour elle-même, en lui conférant une valeur explicative d’un ensemble varié de comportements sociaux”.

à presença do termo *literário*, quando na verdade deveriam ter sido inseridos em séries judiciais. Dicionários consagrados, como o *Littré* e o *Larousse*, também já definiram *sociedade literária* como sociedade de homens de letras e *literário* como o que pertence às belas letras, embora o termo *literário* possuísse outro significado na época.

Desde o final do século XVIII, na França ocorria a expansão da imprensa periódica e da literatura amadora. O jornal era a principal fonte de notícias, em que se encontravam o registro das discussões políticas e as informações sobre os lançamentos de livros, muitas vezes de difícil acesso. Portanto, ler o jornal era também uma demonstração de interesse pela cultura. Ao mesmo tempo, a criação compartilhada e a declamação pública de versos, poemas e canções faziam sucesso entre aristocratas e burgueses. Desse modo, a expressão *literário* se referia a uma noção ampla de ambiente cultural, de discussão entre pessoas leitoras e bem-informadas, ao invés de se restringir ao suporte livro ou ao seu autor. Para Agulhon (1977), o melhor sinônimo para círculo ou sociedade literária seria círculo ou sociedade de leitura, e não de literatura.

Outra questão diz respeito à participação das mulheres nessas reuniões de sociabilidade, em especial nos salões. Autores como Sainte-Beuve<sup>8</sup> e os irmãos Jules<sup>9</sup> e Edmond de Goncourt<sup>10</sup> descreveram a centralidade feminina na organização e recepção desses eventos, enfatizando o seu papel anedótico e acolhedor. Contudo, em outra perspectiva, Lilti (2005) contesta a visão de que os salões eram recepções lideradas por mulheres para homens de letras, já que a recepção feminina seria apenas uma das configurações possíveis, pois também existiam salões organizados por homens e por casais.

O diferencial em relação a outros espaços de sociabilidade era justamente que o salão conjugava tanto homens como mulheres, não privilegiando uma sociabilidade masculina, preferencialmente exclusiva, como ocorria no cenáculo e no café. Assim, em relação aos gêneros, ele se destacava por promover um convívio misto. Segundo Lilti (2005), a presença de mulheres era até geralmente incentivada, porque o salão tinha a diversão como um dos seus objetivos, diferentemente de sociedades masculinas voltadas para a discussão de política ou ramo profissional,

---

<sup>8</sup> Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), crítico literário.

<sup>9</sup> Jules de Goncourt (1830-1870), escritor.

<sup>10</sup> Edmond Louis Antoine Huot de Goncourt (1822-1896), escritor que deu origem à Academia Goncourt, responsável pelo prêmio Goncourt.

como associações de autores. Esse autor, assim como Sainte-Beuve e outros analistas do século XIX, sustenta a frivolidade dos salões, posição à qual Blanc (2006) se contrapõe, defendendo o valor político desses eventos, sobretudo durante a Revolução, e argumentando que o entendimento de que eles se resumiam a momentos de lazer é um erro estabelecido no século XIX.

Nesses espaços, as mulheres estabeleciam contatos com pessoas que poderiam ajudar seu escritor protegido, indicar a obra dele e facilitar o encontro com indivíduos influentes. A imagem que um autor conseguia construir nos salões poderia contribuir para sua carreira de várias formas, como ajudá-lo a evitar a censura, a ter a oportunidade de ler um trecho de seu livro para formadores de opinião ou mesmo de conhecer um editor etc.

E as mulheres não apenas intermediavam reflexões e publicações, mas também escreviam livros, ainda que pudessem ser malvistas em função disso, por parte da sociedade. Esse risco era tão real que, no início do século XVIII, a marquesa de Lambert<sup>11</sup> se recusou a publicar suas obras com receio de afetar o *status* do seu salão, e seus textos só ganharam forma impressa no fim de sua vida, após a insistência de amigos e com o seu salão já consagrado. A marquesa de Châtelet,<sup>12</sup> por exemplo, que hoje é reverenciada pelas suas contribuições para a física e a matemática, foi ridicularizada e satirizada pelos círculos sociais da época, por não se submeter ao ideal feminino. Assim, a responsável por um salão podia negar sua pretensão literária, mesmo que tivesse boas relações e recebesse muitos escritores (LILTI, 2005).

Swiderski (2009), também em contraponto a Lilti (2005), critica a ideia de que as mulheres que recebiam os convidados não eram intelectualizadas. Segundo a autora, como os salões se baseavam na conversação e em outras atividades não registradas, não haveria documentação satisfatória para decifrar toda a influência que elas exerciam sobre os demais convivas, mas diários femininos e alguns documentos disponíveis sugeririam que elas não eram apenas participantes decorativas. Porém, ao contrário dos homens, elas não possuíam apoio para a publicação de livros e, quando dispunham de uma produção própria, enfrentavam desafios maiores para se tornarem parte do meio intelectual. O astrônomo Jérôme Lanlande<sup>13</sup> e

---

<sup>11</sup> Anne-Thérèse de Marguenat de Courcelles (1648-1733).

<sup>12</sup> Gabrielle Émilie Le Tonnelier de Breteuil (1706-1749).

<sup>13</sup> Joseph Jérôme Lefrançois de Lalande (1732-1807).

o filósofo Étienne de Condillac,<sup>14</sup> por exemplo, possuíam colaboradoras, que, no entanto, não recebiam nenhum mérito.

Se a mulher produzia algo em parceria com o marido, ele era reconhecido como o único autor. Se ela era solteira, não era aceita em um meio masculino. Mesmo que haja indicativos de mulheres que participaram de descobertas, que influenciaram na redação de um livro ou auxiliaram na tomada de decisões, a sua relevância dificilmente era valorizada. Apesar disso, Swiderski (2009) questiona até que ponto podemos afirmar que as mulheres que ofereciam salões não possuíam importância intelectual nos séculos XVIII e XIX, tendo em vista todas as situações que buscavam invisibilizá-las, dificultando o registro de sua atuação.

### 3.1 O papel do autor nos salões

A partir do século XVIII, os salões se estabeleceram como um espaço propício para autores divulgarem suas obras e conquistarem leitores. No entanto, como os salões não eram abertos ao público e o tom profissional e acadêmico não era bem-visto, esses autores precisavam participar da sociabilidade mundana – e adotar seus códigos – para obter apoio e recomendações de figuras de prestígio. Portanto, o escritor não dependia apenas da qualidade de sua obra para receber os méritos por seu trabalho, mas também precisava adentrar em círculos que procuravam a diversão e defendiam o prazer da conversação a partir de um jogo de aparências. Para Lilti (2005), os salões, ao contrário de permitir a autonomia literária e emancipação política dos autores, reforçaram a sua dependência em relação aos poderes estabelecidos.

Se os salões podiam ser quase uma obrigação profissional para aqueles autores que almejavam o sucesso, escritores de renome não se opunham a isso: Voltaire já dizia que, antes de ser um homem das letras, era preciso ser um homem do mundo. Madame de Genlis,<sup>15</sup> que foi escritora, aconselhava reservar quatro horas por dia para se dedicar às relações da sociedade. Porém, essas ações deveriam parecer despretensiosas, integradas às encenações de bom gosto, pois a demonstração da falta de modos para esse tipo de recepção poderia resultar em isolamento ou mesmo destruir uma reputação (BEAUREPAIRE, 2014).

---

<sup>14</sup> Étienne Bonnot (1714-1780).

<sup>15</sup> Caroline-Stéphanie-Félicité (1746-1830).

Entretanto, tal comportamento não reduzia os salões e as mulheres que os promoviam à condição de futilidade, pois podiam ser um recurso para a comunicação e a organização de ações entre os seus frequentadores. Segundo Blanc (2006), a visão de que os salões priorizavam conversas frívolas, jogos e jantares, teria sido construída ao longo dos séculos XIX e XX, influenciando escritores posteriores, que não tiveram acesso a documentos de arquivos.

Ao analisar salões do início da Revolução, esse autor defende que eles possuíam um perfil político muito maior do que o reconhecido por Lilti (2005). Registros apontariam que diversas mulheres promoveram ações revolucionárias, expressaram-se publicamente, organizaram reuniões entre opositoristas e até foram perseguidas pelos seus ideais, correndo o risco de ser presas ou expulsas da França. A própria Madame de Genlis recebeu críticas de conservadores que suspeitavam ser o seu salão um local de encontro de opositores da monarquia durante a transferência da família real do Palácio de Versailles para o Palácio de Tuileries em 1789 (BLANC, 2006, p. 4).

Já a literatura, quando presente no salão, era apresentada de forma oral e encenada para pessoas que estavam preocupadas com os códigos de conduta da sociabilidade mundana, segundo os quais o debate e o apontamento de erros podiam contrariar o aspecto de convivialidade da reunião. Além disso, antes de fazerem parte do público, os ouvintes eram colegas, por isso o próprio texto, em muitos casos, era redigido para fazer referências e agradecer àquele grupo restrito, podendo conter partes incompreensíveis para um leitor externo. Logo, a recitação nessas condições não pode ser considerada a primeira exposição do texto no espaço público, mas uma prática que visava à distinção e consagração no interior das elites. Isso explica porque muitas obras que fizeram sucesso nos salões fracassaram quando foram impressas ou encenadas no teatro. Poucas conseguiram ultrapassar os círculos restritos, como *Le mariage de Figaro*, de Beaumarchais (LILTI, 2005).

Rousseau foi um crítico tanto do mecenato como dessa proteção oferecida pelos salões, atacando-os como promotores de falsas amizades. Para ele, as obras não deveriam ser mediadas por autorizações reais, instituições, salões ou um pequeno grupo de intelectuais. Ele defendia um contato direto com o público, no qual o autor deveria se preocupar apenas com a sua produção, sem receio de fazer uma crítica social e, com

isso, desagradar algum poder. Assim, a autonomia seria um ideal para a comunhão com o público em sentido amplo (LILTI, 2005).

Alguns autores definiam o salão como um espaço de conversação, o que justificaria o adjetivo *literário*, segundo Sainte-Beuve. A vida mundana seria verbalizada por meio da conversação, tornando-se uma fonte de conhecimento para esses intelectuais. Nesse contexto, a literatura na forma oral era expressa, por exemplo, na poesia de sociedade, considerada um gênero literário no qual o texto era desvendado em uma *performance*. Logo, a sua representação não era menos importante que o seu conteúdo (LILTI, 2005).

Por outro lado, como os salões recebiam muitos convidados e a hierarquia social era evidente, nem sempre era possível estabelecer diálogos com uma pessoa considerada importante. Além disso, os anfitriões do salão também precisavam dar atenção a todos, o que poderia exigir até a cronometragem do tempo para o contato com cada pessoa.

Segundo Lilti (2005), não era comum que o salão fosse um espaço de escrita. Autores podiam se encontrar, trocar ideias, comprometer-se a publicar uma coletânea, mas a escrita não era realizada de forma coletiva durante o convívio no salão, que não era adequado para momentos de silêncio e pesquisa. Em contrapartida, valorizava-se a primeira leitura do novo livro de um autor. Assim, algumas reuniões eram organizadas para que o escritor divulgasse o seu trabalho e recebesse elogios. A leitura coletiva, porém, não podia se constituir em uma atividade enfadonha. Condizente com a proposta do salão, a recitação era frequentemente teatralizada, devendo o autor se preocupar com a entonação e o ritmo do relato. Essas oportunidades reafirmavam a importância de estabelecer bons contatos com as elites da época.

Uma obra podia ser escrita para ser lida exclusivamente no salão ou para ser publicada posteriormente. Desse modo, surgiram gêneros como a poesia de sociedade. Compor versos era uma prática benquista nos elogios à recepção e aos participantes, mesmo de forma improvisada. De modo similar à música e à ópera cômica, os versos eram encenados em um clima de amizade e descontração. Por todas essas características, a literatura de salão não visava a um público abstrato ou universal, mas buscava atender o gosto de um círculo reduzido e próximo do autor. E seu efeito não se limitava à qualidade estética do texto, que poderia ficar em segundo plano, pois a prioridade era o impacto que a encenação causava no momento

em que era executada. Embora determinadas obras até pudessem circular fora dos salões e fazer sucesso – já que alguns autores viam os membros do salão como seu primeiro público, mas não o definitivo –, muitos versos existiam apenas enquanto parte da conversação, ou seja, seu sentido estava restrito a um lugar e tempo (LILTI, 2005).

Os salões também estimulavam o uso de correspondências, que eram trocadas entre os seus membros não apenas para enviar notícias ou agradecimentos, mas para serem lidas nas reuniões e aumentar o prestígio de seus destinatários. Voltaire, por exemplo, trocava cartas com a marquesa du Deffand,<sup>16</sup> tomando o cuidado de fazer amplos elogios para que a leitura compartilhada fosse um momento para enaltecer sua correspondente. Assim, as cartas se transformavam em tema das conversações, mantendo seus ouvintes atualizados sobre as disputas e os acontecimentos da alta sociedade, e permitiam uma circulação de informações que não deve ser compreendida nem como íntima nem como pública, mas diferenciada. Algumas cartas eram escritas para serem lidas em sua totalidade nos salões, enquanto outras deviam ser destruídas para evitar conflitos e não expor segredos. E, muitas vezes, apenas alguns trechos eram selecionados para a leitura em grupo. Em tese, a comunicação ocorria entre duas pessoas, mas sua mensagem podia alcançar redes sociais construídas dentro dos salões ou mesmo ultrapassá-las (LILTI, 2005).

A política, como já dissemos, não estava ausente dos salões. Como eles eram frequentados por nobres, diplomatas, militares e todo tipo de membro da alta sociedade, os conflitos pessoais estavam, naturalmente, relacionados com os acontecimentos políticos. Ao ocuparem o mesmo espaço, possuírem amigos em comum e desenvolverem laços de confiança, os convivas podiam obter apoio e conseguir novos contatos. Nessa perspectiva, a ascensão e a influência política estavam, em muitos casos, relacionadas à frequência aos salões. Entretanto, eles não devem ser considerados espaços públicos no sentido habermasiano, já que não priorizavam o debate racional e crítico. A influência política dos salões residia apenas na manutenção de vínculos de amizade e fidelidade. Participar desse meio era uma oportunidade para autores alcançarem proteção e reconhecimento.

Habermas viu nos clubes, cafés, salões e outros espaços de sociabilidade dos séculos XVIII e XIX condições para que as elites se reunissem e interagissem de modo igualitário, prevalecendo o melhor

---

<sup>16</sup> Marie de Vichy-Chamrond (1697-1780), escritora. Seu salão era frequentado por enciclopedistas.

argumento. Com a crescente circulação de jornais e revistas, surgiu a oportunidade para uma reflexão coletiva sobre as questões literárias, culturais e, em um segundo momento, políticas. O autor atribuiu a essas reuniões o nascimento da esfera pública burguesa, enquanto formadora de um público racional e crítico a partir da conversação. Antes da esfera pública politicamente ativa, teria havido uma esfera pública apolítica, de origem literária, ainda ligada à corte. Como exemplo, Habermas (2014) apontou os salões, os cafés e os círculos, onde pessoas privadas se encontrariam para uma conversação mediante razões. Porém, como citamos, os salões apresentavam limites para esse enquadramento, já que as relações eram hierárquicas e o aspecto literário era apenas uma das possibilidades desses encontros, que também priorizavam jogos, apresentações e outros momentos de diversão.

No entanto, as abordagens política e literária dos salões, mesmo quando secundárias, indicam que eles não possuíam apenas diferenças em relação aos espaços de sociabilidade que nasceram no século XIX, mas que também contribuíram para relações que tiveram continuidade e se aprofundaram nele. Durante a Restauração, os cenáculos e os salões compartilhavam características em comum. Os homens de letras frequentavam os salões, entre outros motivos, também porque podiam encontrar editores e profissionais do meio que poderiam ajudá-los a publicar suas obras, o que seria considerado uma das vantagens dos cenáculos. Ao mesmo tempo, os cenáculos dos anos 1820 e 1830 adotavam vários dos protocolos dos salões, como a polidez, as regras de etiqueta, a distinção e até a presença de mulheres. Em 1830, Sainte-Beuve chegou à conclusão de que o cenáculo era um tipo de salão, com a única diferença de que naquele o anfitrião era um homem de letras, a passo que neste era uma mulher ou um homem da alta sociedade. Enquanto ambos coexistiram, escritores tentaram frequentá-los na expectativa de se afirmar como autores. Como relatam Glinoyer e Laisney (2013, p. 71), no seu início, “o cenáculo, em suma, é um avatar burguês do salão do Antigo Regime, adaptado ao ambiente social pós-revolucionário”.<sup>17</sup>

### **3.2 Cenáculos, círculos e cafés: em busca da autonomia do autor**

Os autores precisaram aguardar até o século XIX para conseguir estabelecer seus próprios espaços de sociabilidade, como os cenáculos. A

---

<sup>17</sup> “Le cénacle, en somme, est un avatar bourgeois du salon d’Ancien Régime adapté à l’environnement social post-révolutionnaire.”

partir do momento em que se tornaram os anfitriões, eles conseguiram se livrar da necessidade de propiciar diversões e fazer elogios à aristocracia. Uma sala sem decoração luxuosa, pouco confortável, de tamanho reduzido e sem empregados servindo bebidas já era suficiente para que eles pudessem discutir os temas de seu interesse. Os proprietários das casas onde os cenáculos eram realizados até tentavam tornar a estadia confortável com o oferecimento de refeições. Enquanto espaço masculino, o fumo de todo tipo (cigarros, charutos, cachimbos) era uma prática comum e, excepcionalmente, havia jogos. Contudo, os prazeres dos cenáculos eram elementos secundários e dispensáveis, pois o que atraía e justificava a reunião desses intelectuais era a adesão a pontos de vista comuns e a disposição de debatê-los (GLINOER; LAISNEY, 2013).

A literatura e a arte eram focos de atenção constante no cenáculo, mas ele não se restringia a esses assuntos, assim como na já relatada confusão com o uso do termo *literário* nos salões. Em um período no qual o jornal se popularizava e o autor podia se tornar uma celebridade nos cafés, os participantes não deixavam de comentar as últimas notícias, a votação de uma lei, os conflitos sociais, a morte de uma pessoa ilustre etc. Se é um fato que o cenáculo ocorria longe dos jornalistas, das mulheres e do público em geral, nem por isso ele era impenetrável ao que acontecia no seu entorno, estereótipo este que foi utilizado no final do século XIX para desmerecê-lo. “O exame dos milhares de assuntos brotados a cada semana mostra que o cenáculo é bem mais poroso ao mundo externo do que quiseram fazer acreditar os seus detratores” (GLINOER; LAISNEY, 2013, p. 300).<sup>18</sup>

Essas reuniões eram destinadas a escritores e pintores que se encontravam periodicamente na casa de um deles, por laços de amizade e convicções estéticas e para discutir os princípios dos movimentos artísticos aos quais eles se filiavam, confrontar suas ideias, apresentar seus trabalhos e ouvir críticas. Assim, os encontros valorizavam a leitura e a discussão de textos. Embora também não fosse um lugar de escrita coletiva, os participantes realizavam atividades em conjunto, como a fundação de uma revista ou a montagem de uma exposição. Por promover uma sociabilidade baseada no conhecimento e na argumentação fundamentada na escola artística que reverenciavam, o grupo era homogêneo e rejeitava

---

<sup>18</sup> “L'examen des mille sujets brassés chaque semaine montre en tout cas que le cénacle est beaucoup plus poreux au monde extérieur que voulurent le faire croire ses détracteurs.”

a participação de membros considerados inaptos e não condizentes com a seriedade do espaço, como as mulheres (GLINOER; LAISNEY, 2013).

Da sociabilidade da diversão, o cenáculo herda o prazer de estar junto e de compartilhar uma paixão em comum, de acordo com o espírito da época e com o modelo burguês. Mas a comparação se interrompe aí, pois, para o resto, ele oferece essa particularidade em relação às lojas [maçônicas], aos cabarés e círculos, de fazer da paixão que reúne os seus membros – a arte e a literatura – não um objeto de diversão, mas de preocupação (GLINOER; LAISNEY, 2013, p. 230).<sup>19</sup>

O cenáculo mais conhecido foi o hugoliano, promovido na casa do autor Victor Hugo a partir de 1827. O Grande Cenáculo, como foi denominado, era frequentado por figuras como Eugène Delacroix, Alexandre Dumas, Honoré de Balzac, Émile Deschamps, entre outros. A partir de 1829, uma cisão no grupo permitiu a criação do Pequeno Cenáculo, realizado no ateliê de escultura de Jehan Duseigneur. A composição dos cenáculos mostra que eles não eram formados apenas por escritores, mas incluíam pintores, escultores, arquitetos e demais profissionais da arte. Esse convívio não apenas permitia que eles trabalhassem juntos, como, por exemplo, na inclusão de ilustrações em um romance, mas também era uma inspiração para que se arriscassem em outros domínios do conhecimento (LIMA, 2017).

Um aspecto importante é que os cenáculos ofereceram aos autores um lugar para a recepção crítica. Para Glinoyer e Laisney (2013), essas reuniões conseguiam gerar uma mediação literária durante a leitura de um texto, na maioria das vezes, um poema. Os ouvintes faziam comentários, sugeriam mudanças, relatavam suas impressões e, a partir da discussão coletiva, acabavam, de forma indireta, participando da produção da obra.

Quanto à autonomia, o início do século XIX sedimentou a ideia do autor como um gênio, um ser inspirado que não dependia de relações mundanas e proteção aristocrática para expressar aquilo que lhe era inato. Com um saber especializado, superior, ele também podia ser visto como um profissional das letras, preferindo estabelecer vínculos com aqueles que compartilhavam dos mesmos anseios e desafios. Para

---

<sup>19</sup> “De la sociabilité de divertissement, le cénacle hérite le plaisir d’être ensemble et de partager une passion commune, en quoi il correspond à l’air du temps et s’inscrit en plein dans l’ère bourgeoise. Mais la comparaison s’arrête là, car pour le reste, il offre cette particularité, par rapport aux loges, cabarets et cercles, de faire de la passion qui réunit ses membres – l’art et la littérature – non pas un objet de divertissement mais un objet de préoccupation.”

Durand (2010, p. 85), o cenáculo fez parte desse processo de consolidação do conceito de autor em contraste com o modelo do salão.

Entretanto, o surgimento do cenáculo como espaço do autor foi alvo de críticas, pois ainda que possuísse uma configuração própria, não deixava de participar do conjunto de sociabilidades do século XIX, as quais contradiziam a ideia de autor solitário, melancólico, afeito ao silêncio para aflorar sua inspiração. O gênio deveria ser livre, não sendo limitado ou dependente de nenhuma escola, associação ou outro agrupamento. Como apontamos, ainda que fossem mais restritos e homogêneos do que os salões, os cenáculos valorizavam momentos de camaradagem e desconcentração, reforçando o caráter fraternal e de apoio mútuo entre os seus membros, e não excluía completamente as diversões presentes naqueles. Alguns cenáculos eram, inclusive, frequentados por artistas que cantavam e tocavam instrumentos. Desse modo, segundo Dias (2010), devemos relativizar a ideia de cenáculo como o oposto do salão.

O início do século XIX também foi propício para a proliferação de círculos, reuniões similares aos clubes ingleses, em que homens se encontravam para um momento de distração. Agulhon (1977) afirma que os círculos eram uma instituição tipicamente burguesa, pois não eram formados nem pelas classes superiores (aristocracia) nem pelas classes populares. Seus integrantes pertenciam à classe média, abrangendo médicos, comerciantes, juizes, advogados etc. Eles se reuniam, uma ou duas vezes por semana, para ler jornais, jogar cartas e discutir os assuntos da atualidade.

Enquanto no salão um aristocrata recebia convidados que reproduziam um sistema hierárquico; nos círculos, profissionais bem-sucedidos, mas não necessariamente ricos, encontravam-se e se reconheciam como iguais. Muitos deles eram informais e por isso conseguiram escapar de perseguições, tanto logo após a Revolução como durante a Monarquia de Julho, período no qual agrupamentos com mais de 20 pessoas eram fiscalizados e podiam ser proibidos pelo governo. Por serem constituídos por profissionais liberais, os círculos se expandiram também no interior, ao contrário de espaços mais elitistas que se concentravam na capital. Como as demais sociabilidades que se consolidaram no século XIX, os círculos eram reservados aos homens (AGULHON, 1977).

Muitos integrantes dos círculos não possuíam uma casa adequada para receber dezenas de convidados. Desse modo, certos grupos elegeram os cafés como locais de encontro, e, já que as reuniões não eram públicas,

alguns cafés ofereciam salas nos fundos para “sociedades” ou até mesmo um andar superior, para aluguel exclusivo por um círculo. Porém, como o cardápio e a bebida tendiam a ser compartilhados e os funcionários e membros dos círculos podiam circular pelos dois ambientes, o espaço aberto dos clientes comuns e o mais restrito dos membros do círculo não deixavam de estabelecer pontos de contato. Em 1812, o ministro do interior de Napoleão, Montalivet, chegou a dizer que a única diferença do café para o círculo era que o primeiro era público e o segundo, restrito. Em ambos, as pessoas se encontravam para beber, jogar, ler jornais e conversar. Assim, ele criticava a ideia de que os círculos pudessem ter um princípio intelectual, ainda que não deixasse de temer os riscos políticos do encontro regular de um grupo de homens para discussões diversas (AGULHON, 1977).

### 3.3 Transformações e declínio

Com o crescimento de espaços exclusivamente masculinos e políticos, como os clubes, os salões perderam parte dos seus frequentadores. Lilti (2005) observa que os clubes se transformaram em um dos locais preferidos dos diplomatas, sobretudo por aqueles promovidos por embaixadores. O clima de instabilidade também fez com que a conversação de caráter político ganhasse mais destaque, ainda que o tema não fosse uma novidade.

Assim, entre 1792 e 1795, com o fim da Monarquia e o clima de violência, os salões se esvaziaram. Mais do que um símbolo da aristocracia, a presença de mulheres gerava desconfiança entre os jacobinos, que defendiam uma separação clara entre o espaço público e cívico, reservado aos homens, e o espaço doméstico e privado, destinado às mulheres. Desse modo, a mistura de sociabilidade mundana com política, conversa intelectual com galanteio e leituras coletivas com jantares exuberantes passou a ser entendida como uma confusão inapropriada entre os espaços masculino e feminino ou, de outra forma, entre o público e o privado. Como os debates deveriam ocorrer no espaço público, reuniões em espaços privados podiam ser acusadas de conspiração e complô. O espaço doméstico seria reservado à criação e educação das futuras gerações pelas mulheres sob a supervisão dos homens (LILTI, 2005).

Os conflitos da época não apenas atrapalharam a continuidade dos espaços de sociabilidade existentes, mas também retardaram o estabelecimento de novos. Durante o Império, Napoleão buscou eliminar

as reuniões de intelectuais em espaços fechados. Ao mesmo tempo, para controlar os domínios da cultura, criou um sistema de gratificações, como a Legião de Honra, para os intelectuais que o respaldavam. Assim, embora tenham existido agrupamentos de escritores e pintores desde o início do século XIX, eles não floresceram nos seus primeiros anos devido ao clima de perseguição estabelecido (GLINOER; LAISNEY, 2013).

Sem o mecenato, a proteção e o clientelismo do Antigo Regime, os homens de letras do século XIX dependiam cada vez mais do mercado de bens culturais para alcançar o sucesso. Eles precisavam assinar contratos de edição vantajosos, receber prêmios literários e estabelecer bons relacionamentos com editores, livrarias e demais escritores. Nesse contexto, procuravam participar de redes que lhes garantissem críticas positivas nos jornais, pedidos de peças para encenações teatrais e apoio nas negociações com editores. Sem os salões, onde as anfitriãs os indicavam para os melhores contatos, os intelectuais se voltaram para os cafés, os cenáculos e os círculos. No mesmo período, surgiram diversas associações de caráter sindical, como sociedades de autores, de artistas, compositores etc. (GLINOER; LAISNEY, 2013).

Mesmo com dificuldades, os salões não deixaram de existir após o fim do Antigo Regime. Eles perderam relevância e precisaram dividir a atenção com outros espaços, mas continuaram a ser realizados ao longo do século XIX, com algumas mudanças. Ao estudar o período entre 1860 e 1885, Aprile (1991) observou um maior protagonismo de burgueses no oferecimento de salões, o que indicava uma ampliação do perfil daqueles que dispunham de um local para receber um círculo de pessoas importantes. Com a ascensão de uma classe, a conversação também teria se tornado mais politizada, com alguns salões se apresentando como republicanos.

Nesse aspecto, Aprile diverge de um dos principais argumentos de Lilti (2005): de que não havia duas classes de salões, um politizado e outro frívolo. Para ela, o salão republicano não teria como cerne os divertimentos do salão aristocrático do Antigo Regime, mas pretendia construir uma sociabilidade política. O salão que ela apresenta como uma referência para esse modelo teve origem em 1839 e era realizado por Marie d'Agoult,<sup>20</sup> que utilizava o pseudônimo de Daniel Stern, enquanto escritora. Aprile

---

<sup>20</sup> Marie Catherine Sophie de Flavigny (1805-1876).

(1991) o classificou como um salão do Iluminismo, no qual a conversação possuía uma maior profundidade.

Desse modo, a autora defende uma cisão entre o modelo de salão aristocrático, que seria baseado nos jogos e na frivolidade, e o do salão republicano, destinado à reunião e à conversação de tom político. Este teria começado a se disseminar nos anos 1860, com o fim do Império. Assim sendo, o interesse pelo mundo externo e público já seria evidente em seu propósito. Um dos indícios para defender esse argumento da cisão, segundo a autora, seria a participação – ou não – das mulheres. Conforme o salão se tornava propício para discussões políticas, aumentava a resistência à presença do sexo feminino. Gambetta,<sup>21</sup> por exemplo, não desejava a participação de mulheres, a não ser nos dias de grandes recepções, e preferia que as conversações mais importantes fossem feitas na sala de fumo, proibida para elas.

Já para Lilti (2005), todos os salões pertenciam a uma mesma categoria de sociabilidade, baseada na hospitalidade oferecida regularmente pelos anfitriões de uma casa. Alguns salões recebiam mais escritores, outros valorizavam as encenações e os jogos; parte deles era preferida para música e jantares; mas não havia uma divisão de modelos. Eles possuíam muitas características em comum e podiam ser frequentados pelas mesmas pessoas.

Algo similar teria ocorrido com os cenáculos, pois houve formações representando diferentes escolas estéticas, assim como alguns, com predominância de pintores. De qualquer modo, todos se enquadravam na definição geral de cenáculo. Na metade do século XIX, a dificuldade de formação de cenáculos de prevalência literária, devido aos conflitos existentes entre diferentes movimentos, fez com que os cenáculos de artistas dominassem a cena cultural. Foi principalmente nos anos 1860 que os escritores voltaram a se fortalecer e criar novos agrupamentos, geralmente a partir da defesa da estética parnasiana. Fossem formados por poetas ou pintores, pertencentes a esse ou àquele movimento, os grupos reconhecidos como cenáculos compartilhavam: a preferência por um número reduzido de participantes; especialmente homens de letras e artistas, já que as mulheres estavam excluídas, com raras exceções, como apontamos no início do século XIX; o uso do espaço privado; a homogeneidade social; a confidencialidade da conversação; e a presença

---

<sup>21</sup> Léon Gambetta (1838-1882), político francês que ocupou o cargo de primeiro-ministro da França entre 1881-1882.

de um líder, que tinha a função de mediar as discussões (GLINOER; LAISNEY, 2013).

No século XIX, os cenáculos coexistiram com espaços como os cafés, voltados para o mundo exterior. Os autores os visitavam como uma vitrine para se exibir ao público, podendo, assim, estabelecer-se como celebridades. Sem precisar conseguir a proteção de uma anfitriã de salão ou o reconhecimento dos seus pares no cenáculo, autores em busca do sucesso realizavam declamações, faziam paródias, inventavam histórias e até lançavam difamações na expectativa de causar furor e chamar a atenção. Os cafés não se apresentavam como ambientes adequados para a reflexão entre intelectuais, mas como uma oportunidade de publicidade para alcançar o grande público. Enquanto propícios ao comércio e ao lazer, os cafés se estabeleceram como o inverso do cenáculo, porque este era realizado em espaços privados e acessíveis a apenas um grupo de notáveis (GLINOER; LAISNEY, 2013).

Os cafés refletiam os anseios de expandir os espaços de sociabilidade, enquanto os salões e cenáculos eram ambos frutos de associações aristocráticas, restritas a pequenos grupos. Embora o cenáculo tenha buscado se diferenciar do salão por uma sociabilidade mais séria, focada em discussões literárias, filosóficas e políticas, ele não rompeu com essa estrutura fechada. Portanto, como atesta Diaz (2010), o surgimento de diferentes espaços de sociabilidade ao longo do século XIX, como noites de artistas, aponta para uma busca por uma maior democratização.

A frequência a um café não dependia de convites ou bons relacionamentos. Nesse sentido, ele era mais igualitário e preferido pelos boêmios e autores marginais. No entanto, diferentemente do que acontecia nos cenáculos, no café não existia formação de grupos e defesa coletiva de causas. E era um espaço de sociabilidade, pois incentivava interações potencialmente benéficas, ainda que a partir de ações individuais.

Entretanto, como o café era um local onde se ia para ser visto e chamar a atenção, seria contraproducente diluir-se em meio a um grupo. Assim, ao invés de frequentá-lo para discutir as tendências literárias, aspirantes e autores preferiam mostrar suas vestimentas, fazer comentários de efeito e se posicionar em uma mesa visível, tanto para os frequentadores como para os passantes. Os cafés também estavam entre os locais preferidos de atores, cantores, jornalistas, entre outros que sonhavam com o prestígio artístico ou em se tornar célebres. Nesse ambiente, não existia condições

nem interesse pela confidencialidade, o que reafirma os cafés como o oposto dos cenáculos (LAISNEY, 2010).

Diferentemente do que acontecia nos cafés e bares, a polícia tinha dificuldade de monitorar movimentos políticos que se desenvolviam nos salões por serem realizados em locais fechados. Como os convidados eram pessoas conhecidas e próximas dos anfitriões, dificilmente um policial conseguia se infiltrar nesse meio. Dessa forma, esse ambiente protegido teria sido útil, também, para os monarquistas, que reabriram alguns dos seus salões durante a Terceira República e nos quais defendiam a volta desse regime (APRILE, 1991).

Depois de 1885, esses salões perderam força tanto por um problema geracional – com a morte de alguns anfitriões ilustres – como pela consolidação da República. Os salões restantes se adaptaram novamente, como o de Juliette Adam,<sup>22</sup> que se voltou, então, às mulheres para a realização de reuniões literárias e artísticas, sendo também uma opção para a divulgação e participação de novos artistas. Juliette criou uma revista política, a *Nouvelle Revue*, esta que foi ajudada pelo fato de esse salão ser promovido em uma região luxuosa e mais favorável à propaganda dos seus eventos; afinal, a preocupação com as aparências sociais não desapareceram com o enfoque aparentemente mais político (APRILE, 1991).

Os círculos, restritos aos homens, multiplicaram-se no início da Terceira República, conquistando a preferência da burguesia, embora eles não tenham se firmado enquanto lugar de discussão política na capital, alcançando uma maior influência no interior do país. No entanto, a partir dos anos 1890, os círculos, formados por um número menor de pessoas do que os salões, também entraram em declínio (APRILE, 1991).

Quanto aos cenáculos, o afrouxamento das regras de sociabilidade literária enfraqueceu seu domínio e permitiu, a partir do início do século XX, o aparecimento de reuniões mais fluidas, focadas na amizade e na profissão de autor/artista, sem a preocupação com convergência estética, escolha de um líder carismático e regras de comportamento. A crítica da arte pela arte, associada aos cenáculos, fez com que eles fossem considerados inapropriados para a reflexão sobre as inquietações do século que se iniciava. Ao invés do isolamento, do círculo restrito e confidencial, a partir da conversação entre iguais fortaleceu-se um

---

<sup>22</sup> Juliette Adam (1836-1936), escritora.

movimento para compreender o mundo, descrevê-lo e analisá-lo, levando ao desaparecimento desses espaços de sociabilidade reservados a uma elite intelectual. O autor deixava de ser um ser superior e passava a fazer parte do mundo, com a responsabilidade social de entendê-lo e expô-lo (GLINOER; LAISNEY, 2013).

Pinson (2010) também cita a imprensa como uma das explicações para o declínio de alguns espaços de sociabilidade na passagem do século XIX para o século XX. Se, por um lado, ela contribuiu para disseminar as notícias que eram discutidas nos salões, cenáculos e cafés, por outro, ela retirou a exclusividade desses espaços como lugares para se ser informado sobre a vida em sociedade e decisões políticas.

Ao longo do século XIX, o jornal foi imensamente útil para atiçar a curiosidade, lançar polêmicas e informar, sendo lido nos salões e em outras oportunidades de conversação. No entanto, com a comunicação de massa, as notícias passaram a circular mais rapidamente, inclusive entre pessoas distantes, e as discussões deixaram de ficar restritas a um grupo seletivo. Diaz (2010) vê nesse processo um paradoxo: no início do século XIX, o jornal serviu para dar visibilidade aos salões, registrando os seus principais eventos e expandindo a fama dos seus anfitriões; porém, conforme ele se popularizava, mais interesse despertava como fonte de notícias, acontecimentos e boatos, enquanto os salões e outros espaços de sociabilidade restrita perdiam a aura de locais privilegiados para o compartilhamento de informações e construção de um *status*.

Com a consolidação de uma indústria cultural, autores adotaram novas formas de obter renda e alcançar prestígio. Vários deles conseguiram, por exemplo, empregos em jornais, produzindo análises, revisões, e não apenas textos literários. Também passaram a depender mais da venda dos seus livros, adiantamentos editoriais, prêmios literários etc., do que dos laços com a elite econômica e do apoio do Estado. Alguns autores, sobretudo aqueles que não escreviam para um grande público, como Flaubert e Baudelaire, até buscaram estabelecer o campo literário como um campo à parte, não dependente das relações promovidas pelo universo burguês. Inclusive, a autonomia em relação aos poderes econômico e político era um dos critérios que garantiam prestígio a um autor no século XIX, especialmente na sua segunda metade, o que, por conseguinte, enfraquecia a influência de espaços de sociabilidade que se destacavam pelas trocas de favores e bajulações (BOURDIEU, 1996).

Além disso, o século XIX consolidou a visão romântica do artista solitário, melancólico, avesso às futilidades e aparências dos círculos sociais. Submeter-se a salões, círculos e outros espaços de sociabilidade literária passou a ser criticado como uma perda de independência do autor, uma incapacidade de se destacar apenas pela sua genialidade, precisando de apoio de pessoas influentes. O próprio cenáculo, como já dissemos, surgiu como um efeito dessa crítica, pois propunha um agrupamento entre iguais, com autonomia, evitando as características mundanas dos salões, mas não conseguiu impedir que também ele fosse visto como uma irmandade de proteção mútua, uma forma de se destacar no meio literário a partir da construção de uma sociabilidade. No início do século XIX, os autores, não dispendo mais das redes de proteção e mecenato dos séculos anteriores, precisaram viver das vendas de sua obra e dos prêmios literários que recebiam. E o cenáculo foi uma das instituições que os autores criaram para se proteger e defender enquanto grupo (LIMA, 2017).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os séculos XVIII e XIX na França, espaços onde as elites econômica e intelectual se reuniam destacaram-se ao estabelecer formas de conduta social, oferecer uma ocasião de visibilidade para artistas, consolidar movimentos literários e criar condições tanto para o autor buscar proteção como para se afirmar como independente.

Entre os estudiosos da área, alguns aspectos dos salões continuam em disputa, como o papel das mulheres. Enquanto autores como Swiderski (2009) enfatizaram o perfil intelectual delas, outros, como Lilti (2005), contestaram a sua liderança na recepção desses espaços. Se destacamos os salões como ambientes de sociabilidade mundana e importantes para a consolidação e sucesso de autores, entendemos que o estudo deles também pode contribuir para discussões feministas sobre a figura histórica da mulher intelectual.

Os cenáculos, em contrapartida, expõem espaços de sociabilidade exclusivamente masculinos e permitem vislumbrar o modo como agiram para valorizar a imagem do autor como um profissional independente e de inteligência superior. Porém, a rede de proteção e camaradagem que eles estabeleceram não impediu que fossem alvo de críticas por aqueles que desejavam uma ruptura clara com a sociabilidade mundana, como Flaubert, uma das principais vozes em defesa da arte pela arte.

Por fim, os cafés colaboraram para popularizar autores e artistas, ampliando o seu público. E, com o apoio da imprensa, estes saíram dos espaços fechados, ficando ainda mais expostos à crítica e à perseguição política. Sem pressupor convites e proteção, os cafés abriram as suas portas para todos os interessados, isentando-os de se conformarem à sociabilidade mundana.

Infelizmente, ainda não há, no Brasil, uma farta literatura sobre o tema. Outro problema para a área é que, além da dificuldade de acessar fontes primárias disponíveis em bibliotecas e arquivos franceses, conforme já comentado, a maior parte da bibliografia já produzida não está traduzida para o português. Assim, buscamos contribuir para essa discussão apresentando alguns dos principais trabalhos publicados nos últimos anos no exterior.

Embora esses espaços façam parte da história da França, acreditamos que o seu estudo pode contribuir para verificar pontos de semelhança ou mesmo de influência sobre espaços de sociabilidade que se consolidaram no Brasil no século XIX, especialmente no Rio de Janeiro, como gabinetes de leitura, associações de escritores e lojas maçônicas. Ainda que o objetivo deste artigo não tenha sido estabelecer essa análise comparativa ou apontar indícios de influência, esperamos que ele tenha fornecido caminhos e possibilidades para questionamentos futuros.

Os espaços de sociabilidade literária também podem ser vistos a partir da história do livro e da leitura. Nesse sentido, eles contribuíram para a consolidação e o sucesso de autores, para a organização de movimentos literários e artísticos e para o estabelecimento de relações e conflitos que levaram a novas práticas no mercado editorial, pois mesmo aqueles que os criticavam não ignoravam a sua relevância, utilizando-os como antítese do que consideravam adequado para uma produção literária autônoma.

Assim, cientes das limitações desta revisão bibliográfica, almejamos que ela colabore para despertar um maior interesse no país pela sociabilidade literária na França entre os séculos XVIII e XIX e permita, em pesquisas futuras, uma análise mais profunda sobre a sua influência nos espaços de sociabilidade do Brasil no mesmo período, já examinados por pesquisadores nacionais a partir de outras perspectivas, como em relação à circulação do livro e as práticas de leitura.

## REFERÊNCIAS

- AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France bourgeoise: 1810-1848: étude d'une mutation de sociabilité*. Paris: Armand Colin, 1977.
- APRILE, Sylvie. La République au salon: vie et mort d'une forme de sociabilité politique (1865-1885). *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Paris, v. 38, n. 3, 1991, pp. 437-487. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/rhmc\\_0048-8003\\_1991\\_num\\_38\\_3\\_1602](https://www.persee.fr/doc/rhmc_0048-8003_1991_num_38_3_1602)>. Acesso em: 26 set. 2018.
- BEAUREPAIRE, Pierre-Yves. La "fabrique" de la sociabilité. *Dix-Huitième Siècle*, Paris, v. 1, n. 16, 2014, pp. 85-105. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-dix-huitieme-siecle-2014-1-page-85.htm>>. Acesso em: 27 set. 2018.
- BLANC, Olivier. Cercles politiques et "salons" du début de la Révolution (1789-1793). *Annales Historiques de la Révolution Française*, Paris, v. 344, n. 2, 2006, pp. 63-92. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/ahrf/5983>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DIAZ, José-Luis. Les sociabilités littéraires autour de 1830: le rôle de la presse et de la littérature panoramique. *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, v. 110, n. 3, 2010, pp. 521-546. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-d-histoire-litteraire-de-la-france-2010-3-page-521.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2020.
- DURAND, Pascal. Homme de lettres, écrivain, auteur. Déclinaison sociale d'une fonction symbolique. In: LUNEAU, Marie-Pier; VINCENT, Josée (Orgs.). *La fabrication de l'auteur*. Québec: Nota Bene, 2010, pp. 71-92.
- FORSÉ, Michel. La sociabilité. *Economie et Statistique*, Paris, n. 132, avr. 1981, pp. 39-48. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/estat\\_0336-1454\\_1981\\_num\\_132\\_1\\_4476](http://www.persee.fr/doc/estat_0336-1454_1981_num_132_1_4476)>. Acesso em: 22 set. 2018.
- FRANÇOIS, Étienne; REICHARDT, Rolf. Les formes de sociabilité en France du milieu du XVIIIe au milieu du XIXe siècle. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Paris, v. 23, n. 3, 1987, pp. 453-472. Disponível em: <<https://doi.org/10.3406/rhmc.1987.1419>>. Acesso em: 26 set. 2018.
- GLINOER, Anthony; LAISNEY, Vicent. *L'âge des cénacles: confraternités littéraires et artistiques au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Fayard, 2013.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa*. São Paulo: Unesp, 2014.
- JAUCOURT, Louis de. Défense de soi-même (Religion, morale, droit nat. & civ.). In: D'ALEMBERT, Jean le Rond; DIDEROT, Denis. *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné*

*des sciences, des arts et des métiers*. Paris, 1754. v. IV. Disponível em: <<http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedia/article/v4-1880-0/>>. Acesso em: 26 set. 2018.

LAISNEY, Vicent. Cénacles et cafés littéraires: deux sociabilités antagonistes. *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, Paris, v. 110, n. 3, 2010, pp. 563-588. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-d-histoire-litteraire-de-la-france-2010-3-p-563.htm>>. Acesso em: 1 out. 2018.

LILTI, Antoine. *Le monde des salons: sociabilité et mondanité à Paris au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris: Fayard, 2005.

LIMA, Fernanda Almeida. Formação cenacular e romantismo francês. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, 2017, pp. 15-39. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/12409>>. Acesso em: 29 maio 2020.

PINSON, Guillaume. Imaginaire des sociabilités et culture médiatique au XIX<sup>e</sup> siècle. *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, Paris, v. 110, n. 3, 2010, pp. 619-632. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-d-histoire-litteraire-de-la-france-2010-3-page-619.htm>>. Acesso em: 1 out. 2018.

RIVIÈRE, Carole Anne. La spécificité française de la construction sociologique du concept de sociabilité. *Réseaux: Communication, Technologie, Société*, Paris, v. 123, n. 1, 2004, pp. 207-231. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-reseaux1-2004-1-page-207.htm>>. Acesso em: 22 set. 2018.

SWIDERSKI, Marie-Laure Girou. La République des Lettres au féminin. Femmes et circulation des savoirs au XVIII<sup>e</sup> siècle. *Lumen*, Montréal, v. 28, 2009, pp. 1-28. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/1012035ar>>. Acesso em: 25 set. 2018.

Recebido: 7/9/2020

Aceito: 8/4/2021

Publicado: 22/6/2021